



Longevidade e Juventude: As Representações da Velhice em *Veja*¹

Felipe Viero Kolinski Machado²
Márcia Franz Amaral³

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo descobrir de que modo a Revista *Veja*, principal revista semanal do país, na seção especial “Longevidade e Juventude”, publicada na primeira edição de 2009 (número 2094), representa a velhice. Desse modo, foram estudadas as cinco matérias que compõem essa seção, com o objetivo de, por meio de suas leituras, identificar as representações veiculadas pela publicação que estejam ligadas ao tema.

Palavras-chave

Representação; Velhice; Revista *Veja*.

Introdução

As representações veiculadas pelos meios de comunicação possuem um papel efetivo na construção da realidade e na formação das identidades dos indivíduos. A velhice, assunto que vem se tornando cada vez mais recorrente nos estudos sociais, devido, dentre outros fatores, ao aumento expressivo do número de idosos, também é pautada pela mídia e, do mesmo modo como qualquer outra temática ali abordada, é influenciada pelas representações incorporadas e veiculadas por ela. Nesse artigo, objetivou-se analisar de que modo a revista semanal *Veja*, em uma seção especial presente na primeira edição do ano de 2009, aborda esse assunto e, devido ao seu papel desempenhado na sociedade, legitima determinados conceitos e valores.

Representações e Identidades

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Acadêmico do 5º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bolsista do Programa de Educação Tutorial do Curso de Comunicação Social dessa mesma universidade e integrante do Grupo de Estudos de Jornalismo, ligado ao CNPq. E-mail: felipeviero@yahoo.com.br

³ Doutora em Ciências da Comunicação e da Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professora do Mestrado em Comunicação e tutora do Programa de Educação Tutorial do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: marciafranz.amaral@gmail.com



A Mídia configura-se como uma das principais instâncias legitimadoras da sociedade contemporânea. Mesmo que os seus produtos não sejam um reflexo objetivo da realidade, as representações que ela veicula adquirem um papel fundamental no processo de construção da realidade e das identidades dos indivíduos.

Kathryn Woodward (2000), no livro “Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais”, ao falar em representações, afirma que elas incluem:

as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. (WOODWARD, 2000, p. 17.)

Considerando o papel dos meios de comunicação no processo de significação social, Stuart Hall destaca que:

os media são responsáveis por prover a base pela qual grupos e classes sociais constroem uma imagem das vidas, práticas e valores de outros grupos e classes. Essas imagens, representações esparsas e fragmentadas da totalidade social, acabam construindo um todo coerente, o imaginário social “(...) através do qual nós percebemos os ‘mundos’, as ‘realidades vividas’ dos outros e, imaginariamente, reconstruímos suas vidas e as nossas em algum ‘mundo por todos’ inteligível, numa ‘totalidade vivida’”. (HALL, 1997, p. 341 apud ESCOSTEGUY, 2001, p. 63)

Nesse sentido, vale mencionar que consideramos aqui as identidades a partir da concepção de Hall, que as define como “os pontos de apego temporários às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (Hall, 1995 apud Hall, 2000, p. 112).

Sob esse ponto de vista, portanto, pode-se compreender a questão das identidades como uma construção “dentro e não fora do discurso”. Hall afirma ainda

que elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão, do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna. (HALL, 2000, p. 109.)

A partir do que foi dito até aqui, pode-se perceber a mídia como um dos principais agentes envolvidos na construção da realidade. Por meio de suas representações, incorporadas e veiculadas, identidades são legitimadas e, de modo ativo,



assumidas pelos sujeitos. Esse processo, além de ser uma das justificativas para os estudos na área de Comunicação Social, em função de sua abrangência, é também uma das formas de análise da sociedade como um todo.

A velhice na sociedade contemporânea

Para se falar sobre as representações da velhice na sociedade contemporânea deve-se destacar, em um primeiro momento, o aumento do número de idosos.

Estudos realizados pela Divisão de População da Organização das Nações Unidas mostram que, em 1975, o número de pessoas com mais de 60 anos girava em torno de 300 milhões. A partir dessa mesma pesquisa, estimativas apontam que, em 2025, o número de pessoas com mais de 60 anos ultrapassará a marca de 1 bilhão, sendo que 72% dessas estarão em países em desenvolvimento.

O filósofo alemão Frank Schirrmacher (2005) destaca que “a expectativa de vida do homem, em 99% do tempo desde que habitamos este planeta, foi de 30 anos.” O autor complementa ainda afirmando que “agora temos que superar, em uma única geração, imagens de 100 mil anos que marcaram nossos corpos e nossa cultura”.

Esse aumento da população mais velha é um reflexo de uma série de fatores, dentre os quais pode-se destacar os avanços na área médica e políticas públicas específicas para os idosos.

No entanto, a sociedade ainda possui uma série de estereótipos negativos em relação à velhice que, apesar dessas mudanças mencionadas, continua a ser encarada como uma fase marcada pela senilidade e decrepitude.

De maneira geral, a velhice é vista como uma fase indesejável, marcada pela proximidade da morte e pela perda da independência e dos papéis sociais, fazendo com que os idosos tornem-se, nesse contexto, excluídos e marginalizados. Outro ponto de vista, também muito comum, aponta a velhice como uma responsabilidade privada, delegando ao indivíduo e aos seus hábitos a responsabilidade pelo seu envelhecimento.

Em ambos os casos a juventude é apontada como um valor a ser alcançado. Para evitar o estigma de velho e para manter a sua dignidade, muitas pessoas recorrem às cirurgias plásticas e à uma série de hábitos de vida e de consumo para, independentemente de suas idades cronológicas, serem considerados jovens.

Não se pode negar, é claro, que a velhice corresponde à última fase natural de um ciclo de vida e que, sendo o resultado da degenerescência celular, traz , muitas



vezes, dificuldades e obstáculos que antes talvez não existissem. Do mesmo modo, contudo, não se pode afirmar que a velhice seja uma categoria homogênea e que, estando nela, o sujeito possua uma identidade rígida. Os idosos, assim como qualquer indivíduo, possuem as suas identidades formadas por uma série de fatores, como o gênero, a classe social e uma série de bens materiais e simbólicos que o constituem e que, certamente, tiveram uma grande participação no seu processo de envelhecimento.

Essa definição, contudo, não corresponde, de um modo geral, àquilo que há na sociedade e, por conseguinte, tampouco por aquilo que é veiculado por alguns meios de comunicação.

A Revista *Veja*

A Revista *Veja*, conforme dados presentes na Associação Nacional de Editores de Revista, corresponde à principal publicação semanal do país, apresentando, entre janeiro e outubro de 2008, uma circulação média superior à 1 milhão de exemplares. Em sua edição número 2094, a primeira do ano de 2009, a publicação trouxe uma seção especial chamada “Longevidade e Juventude”.

Considerando a abrangência nacional da principal revista da Editora Abril e considerando, ainda, que as representações veiculadas por essa revista possuem uma credibilidade geral, tentou-se, a partir da análise das cinco matérias componentes da seção, descobrir de que modo a velhice foi representada ao longo dessas páginas para, assim, ver de que modo essa publicação, tão expressiva no cenário nacional, aborda esse assunto e veicula essas representações.

É evidente que essa análise representa um trabalho restrito. Sabe-se do papel ativo desempenhado pelo leitor, que resignifica aquilo que lhe é transmitido, a partir de suas experiências e de sua cultura, bem como se sabe que toda a postura editorial de uma publicação não pode ser completamente analisada em apenas uma seção especial. Acredita-se, contudo, que essas representações veiculadas possuem um papel importante na construção da realidade e que, mesmo sendo pontuais, influenciam na construção das imagens da velhice de um modo geral.

Longevidade e Juventude



Nessa edição, a revista *Veja* traz na capa, embora não como assunto central, uma seção especial que pode ser conferida na publicação: Longevidade e Juventude. Nesse espaço, há ainda a manchete “Como ganhar mais 15 anos de (boa) vida” e a imagem de uma mulher jovem. Todos esses elementos, contextualizados e analisados em conjunto, já permitem imaginar o viés sobre o qual serão construídas as cinco matérias presentes no interior da revista.

No título geral (Longevidade e Juventude) é omitido o termo *velhice*, obviamente mais relacionado à ideia de uma vida longa. Em seu lugar é empregado justamente o termo que lhe é oposto: *juventude*, característica de uma fase específica do desenvolvimento humano e já deixada para trás pelos mais longevos. Esse emprego, que em um primeiro momento pode parecer equivocado, é justificado, como afirma Guita Grin Debert (1999), pelo fato de que a *juventude*, na sociedade atual, “deixa de ser um estágio na vida para se transformar em valor, um bem a ser conquistado em qualquer idade, através da adoção de estilos de vida e formas de consumo adequadas.”. Essa mesma ideia é reforçada pela imagem de uma mulher jovem, ao invés da imagem de uma mulher idosa, legitimando a tese de que a longevidade pode ser alcançada e que a *juventude*, ainda assim, pode ser mantida.

Mais velhos... Porém mais jovens

A primeira matéria traz em suas duas primeiras páginas uma comparação entre as fotografias de Monah Delacy e de sua filha, Christiane Torloni, com os mesmos 51 anos de idade. Em cada página existe uma fotografia e sobre cada uma delas está escrita uma parte do título. Sobre a fotografia de Monah está escrito “Mais velhos...”, enquanto sobre a de Christiane está escrito “...porém mais jovens”.

Em um pequeno parágrafo, que funciona como legenda e como explicação da estratégia de disposição das fotografias lado a lado, está escrito que “A comparação dos retratos mostra como a medicina, associada a uma mudança de comportamento, conseguiu, em três décadas, desacelerar o processo de envelhecimento”. A partir daí, nas páginas que compõem esse texto específico, defende-se justamente esse ponto de vista: de que a *velhice* está, é claro, ligada à genética, mas que os hábitos cotidianos correspondem, e muito, ao aumento da longevidade e à manutenção da *juventude*.

Além de um quadro que apresenta “os quarentões, os cinquentões e a sessentona” e traz como ilustrações, dentre outras celebridades, Carla Bruni, Richard



Gere e Catherine Deneuve, a reportagem aborda os três tipos de centenários existentes (sortudos, adiadores e dribladores) e apóia grande parte daquilo que diz em pesquisas realizadas e em dados estatísticos.

A partir de um quadro ilustrativo, por exemplo, a reportagem faz referência ao aumento da expectativa de vida da população. Os dados mostram que o número de centenários no mundo passou de 24 mil, em 1950, para 269 mil atualmente e que, a partir de determinadas projeções, acredita-se que em 2050 o número de pessoas com mais de 100 anos chegará a 3,8 milhões.

Tal recurso também é notório quando é citado o exemplo da Ilha de Okinawa (Japão), que possui uma elevada média de moradores com mais de 100 anos e que, em função disso, é constante campo de pesquisa em áreas ligadas ao envelhecimento. Em uma dessas pesquisas, que é apresentada parcialmente na reportagem, abordam-se alguns hábitos da população local, como a alimentação mais comedida. Salienta-se, então, que “é fato comprovado, desde a década de 30, que organismos que ingerem menos calorias envelhecem mais lentamente”.

Nesse sentido, salientando a relevância e, como será dito posteriormente, a preponderância de hábitos individuais no processo de envelhecimento, o discurso presente na revista vai ao encontro daquilo que Debert chama de “reprivatização da velhice”. Para a antropóloga, essa reprivatização se dá devido a não existência de um lugar para a velhice

que passa a ser vista como consequência do descuido pessoal, da falta de envolvimento em atividades motivadoras, da adoção de formas de consumo e de estilos de vida inadequados. O declínio inevitável do corpo, o corpo de que não responde às demandas da vontade individual, é antes percebido como fonte de transgressões e por isso não merece piedade. (DEBERT, 1999, p. 227).

Em linhas gerais, essa transferência de responsabilidades exclusivamente para indivíduo, tornando-o o único que pode responder às consequências do processo de envelhecimento, dentre uma série de outros fatores, acarreta, conforme Debert (1999), a exclusão dessa questão “do leque das preocupações dos indivíduos e da sociedade”. Nessa situação, não apenas o indivíduo que apresenta sinais de debilidade passa a ser encarado como alguém relapso e que, por seu descuido, é merecedor de sua condição, como também o estado é eximido de sua responsabilidade de criar políticas públicas que beneficiem os idosos.



Por que ficamos velhos

A segunda reportagem começa mencionando o fato de que a ciência “colecciona vitórias impressionantes” em relação à longevidade e ao processo de envelhecimento e traz, além de algumas imagens da atriz Demi Moore ao longo de sua carreira (desde os 20 até os 45 anos de idade), um texto que defende justamente a luta contra a velhice e os seus sinais aparentes.

Os anos passam e a beleza dela (Demi Moore) permanece incólume – e até melhor, sob vários pontos de vista. Ela é mais um exemplo de como a disciplina e os recursos médicos e cosméticos disponíveis podem não só dar uma ajuda à genética como fazer do tempo um aliado. (Veja, ed. 2004. p. 74).

Em um quadro ao lado dessas imagens, esse ponto de vista se torna ainda mais claro.

Aos 46 anos, a atriz americana Demi Moore é um dos melhores exemplos de como é possível envelhecer bem. Ela hoje está muito melhor do que aos 20 anos. Demi Moore soube tirar proveito da genética privilegiada. Além de muita ginástica e alimentação rigorosíssima a atriz está exuberante graças às cirurgias e tratamentos estéticos. (Veja, ed. 2004. p. 74).

A partir desses trechos apreende-se, conforme Debert, que as qualidades do corpo, ao serem apresentadas como plásticas, fazem com o que os indivíduos sejam convencidos a assumir a responsabilidade pelas suas aparências. Ao mostrar a imagem da atriz americana como sinônimo da imagem de alguém que “envelhece bem”, legitima-se o combate à velhice e ao envelhecimento e defende-se que exercícios regulares e uma alimentação saudável (supondo que rigorosíssima possa ser definida, nesse contexto, como saudável) devem fazer parte da vida das pessoas, não apenas para que elas vivam melhor e de maneira mais salutar, mas para que os sinais do envelhecimento sejam diminuídos. Nesse sentido, intervenções cirúrgicas e tratamentos estéticos também são aliados na batalha em prol da “manutenção” da juventude e da, segundo esse discurso, correspondente beleza. Além disso, defende-se o ponto de vista de que “envelhecer bem” corresponderia a negar os sinais na velhice, seja por meio de pequenos hábitos ou de grandes cirurgias.

Mas não é só a partir de Demi Moore que a matéria é construída. Ao longo das próximas páginas tenta-se dizer o motivo pelo qual se envelhece e, citando estudiosos como o biólogo ucraniano Theodosius Dobzhansky e Charles Darwin, afirma-se que “envelhecemos, em resumo, porque deixamos de interessar à natureza no que diz



respeito à perpetuação da espécie” e que “o envelhecimento seria também resultado do desequilíbrio entre a parcela de energia investida na reprodução e na sobrevivência da prole e aquela destinada à manutenção do soma”.

O quadro “O que muda no corpo com o tempo” apresenta quais são as principais mudanças resultantes do processo de envelhecimento e de como, por consequência, elas se manifestam na velhice.

A matéria, que aponta a perda da capacidade reprodutiva como uma hipótese para a velhice e, posteriormente, a morte, foi finalizada com o seguinte trecho:

Como um automóvel velho, ele (o soma) passa a exigir uma manutenção cujo custo é muito maior do que o seu valor “envelhecemos porque a seleção natural se recusa a pagar um preço alto para manter um soma que não interessa mais”, disse Kirkwood (Diretor do Instituto de Envelhecimento e Saúde de Newcastle, Inglaterra) a Veja. Chega uma hora em que os genes simplesmente abandonam o soma à sua própria sorte e escassez energética. É o início do fim. (Veja, ed. 2094. p. 77).

Como base nessa comparação entre a velhice e a situação em que um carro velho se encontra, vale refletir sobre o que destaca o filósofo alemão Frank Schirrmacher em “A Revolução dos Idosos: o que muda no mundo com o aumento da população mais velha”:

Como as células em um corpo em envelhecimento que se destroem gradualmente, do mesmo modo parece que as moléculas de nossa auto-estima sofrem danos irreversíveis, causados não por radicais de oxigênio, mas pelo radicalismo de uma sociedade que quer conquistar espaço. (SCHIRRMACHER, 2005, p. 81 E 82).

Como ganhar mais 15 anos de (boa) vida

A terceira reportagem da seção, que é mencionada na capa da edição, objetiva dar instruções daquilo que se deve fazer para que se consiga viver mais 15 anos “de (boa) vida” e faz isso ancorada em pesquisas de “médicos ingleses e especialistas brasileiros”.

Ainda no início do texto, a resposta à indagação é clara, afirmando que “basta persistir na manutenção de bons hábitos – e desde cedo”.

Outras afirmações como “a longevidade feliz depende muito mais do modo como levamos o nosso dia-a-dia do que de nossa herança genética” e “o modo como chegamos à velhice é, enfim, resultado da forma como atravessamos a juventude” simplesmente dão continuidade ao que já era afirmado ainda no primeiro texto: que a



velhice é uma responsabilidade individual e que, com determinados métodos, pode-se chegar a essa fase da vida de modo saudável.

Antes de ingressar nas dicas propriamente ditas, há uma citação de uma atriz americana, já falecida, que afirma que “nunca somos velhos demais para ficar mais jovens”, mostrando, novamente, a juventude como um valor a ser constantemente perseguido e, portanto, expondo as dicas que se seguiam como essenciais para qualquer pessoa que desejasse se manter jovem.

A primeira delas é “Fazer exercícios regularmente”, o que conferiria ao esportista mais três anos de vida. A instrução é clara: “se você quer viver mais, mexa-se”. As demais, “não fumar” (mais cinco anos), “alimentar-se de forma regrada e com prazer” (mais três anos), “não levar a vida a ferro e fogo” (mais um ano e meio) e “beber vinho com moderação” (mais três anos), apenas reafirmam a responsabilidade que o indivíduo tem sobre a sua velhice.

A revista, contudo, desconsidera uma série de valores que influenciam na longevidade e na qualidade de vida que se tem na velhice. Ao delegar, a maior parte da responsabilidade do processo de envelhecimento para cada pessoa, *Veja* parece ignorar o fato de que o envelhecimento ativo é, na verdade, uma construção, conforme afirmam Nara Costa Rodrigues e Newton Luiz Terra no livro *Gerontologia Social para leigos*

O envelhecimento ativo é uma “construção”, para o qual vão influir, além da herança genética, o meio ambiente, a educação, os hábitos de higiene e alimentação, os cuidados com a saúde, especialmente na prevenção de doenças, desde a infância, com as vacinações sistemáticas, a habitação, trabalho, seguridade social, cultura e lazer. Logo, o envelhecimento ativo não depende apenas da pessoa, de ela ter estilos saudáveis de vida. Depende também de políticas públicas, econômicas, de investimentos, por parte dos governos, tanto em nível municipal, como estadual e federal, em programas referentes às áreas acima citadas; de leis que impulsionem, por exemplo, a criação de empregos, onde possam trabalhar não só os jovens, mas também os idosos que os queiram. (RODRIGUES, 2006, p. 64).

Torna-se mais claro, assim, que comportamentos individuais influenciam no processo de envelhecimento e na velhice, do mesmo modo como diversos outros pontos que não podem e não devem ser ignorados, sob pena de tecer uma análise precipitada e equivocada dessa questão.

A hora é agora



A quarta reportagem da série começa de um modo diferente das demais. Sob o título “A hora é agora”, há uma fotografia, que ocupa mais de uma página em que é mostrado um casal de idosos, abraçados e sorridentes. Ao seu lado, há um avião de pequeno porte. A legenda é “Eles já passaram dos 65 anos, mas continuam ativos, saudáveis e bem dispostos. São os “idosos jovens””.

Essa matéria baseia-se nas mudanças de comportamento dos idosos e de como elas alteraram, inclusive, as denominações referentes à velhice. Quanto às denominações, são citados os idosos jovens, idosos velhos e idosos muito velhos. As categorias, conforme explica a matéria, variam de acordo com a idade do indivíduo e podem, ainda, alterarem-se dependendo do estágio de desenvolvimento do país em que o idoso se encontrar. Desse modo, uma pessoa de 70 anos será considerada “idoso jovem”, em um país desenvolvido, e um “idoso velho”, em um país em desenvolvimento.

Existem, além disso, três depoimentos e um artigo feitos por idosos que “apesar da idade” possuem “uma ótima qualidade de vida”. Esse recurso, conforme mencionado na própria reportagem, visa a mostrar “exemplos de pessoas que fazem da terceira idade um momento de viver novas histórias, e não apenas de lembrar as passadas”.

O primeiro depoimento é da artista plástica Betty Bettiol, de 67 anos, que afirma acordar cada vez mais cedo, ir à praia todo o fim de semana e continuar pilotando o seu avião como fazia trinta anos atrás. Betty diz, também, que não pintou o seu melhor quadro e não fez um vôo acrobático e que, por isso, não pode “morrer antes de realizar esses desejos”.

O segundo depoimento é do marido de Betty, o advogado Luiz Carlos Bettiol, de 73 anos. Ele afirma surpreender-se em chegar à sua idade com “tanto ânimo” e que acredita que isso esteja ligado “ao fato manter uma postura positiva diante da vida e à certeza de que o velho não pode se limitar a existir, tem de continuar vivendo”.

O terceiro depoimento é do Administrador de empresas aposentado José Alberto Camargo, de 74 anos. O profissional conta sobre o fato de ter deixado a presidência da empresa na qual trabalhava, para ter mais tempo para si, mas afirma continuar atuando em seu conselho administrativo. Ele destaca, como atividades realizadas depois de ter-se aposentado, as constantes viagens internacionais e os livros que escreveu, um sobre a sua carreira e outro sobre o câncer de próstata, doença que teve aos 68 anos.



De um modo geral, os três exemplos mostram idosos autônomos, saudáveis e que, realmente, “fazem da terceira idade um momento de viver novas histórias”. Outro ponto que é comum, entretanto, diz respeito às condições financeiras dos entrevistados. Considerando os seus próprios depoimentos, que citam aviões próprios, viagens internacionais recorrentes e outros bens que não foram mencionados aqui, é possível perceber que em todos esses casos a “velhice saudável” é acompanhada de uma renda que lhes permite, provavelmente, além de viagens e aventuras, um acompanhamento médico regular e uma série de benefícios adquiridos através de um orçamento privilegiado e pertencente a poucos, principalmente em um país como o Brasil, marcado pelas desigualdades econômicas e sociais.

Assim, torna-se difícil transformar a velhice saudável em uma questão meramente ligada à vontade de viver do idoso e aos seus hábitos para obter essa meta. É impossível comparar a situação de dona Betty, que pode, por exemplo, viajar seguidamente com o esposo em seu avião particular, com a de tantas outras idosas que não podem, em função dos poucos recursos que possuem, pagar por consultas médicas especializadas e tampouco podem adquirir os medicamentos que lhes são prescritos.

O artigo presente ao final dessa matéria é escrito pelo Empresário e Bibliófilo José Mindlin, de 94 anos. Tendo como título “Ainda não cheguei lá”, o texto, que destaca a importância do indivíduo em seu processo de envelhecimento, sem considerá-lo, contudo, unicamente responsável por esse processo, começa apresentando os dois tipos de longevidade existentes. Segundo o autor, a longevidade cronológica diz respeito à idade propriamente dita, enquanto a outra forma de longevidade refere-se “ao modo de ser e de sentir”. Em um trecho do artigo, Mindlin afirma “continuo a ter uma vida ativa que não corresponde, propriamente, ao que se imaginaria para a minha idade cronológica”, o que reflete não a negação da velhice propriamente dita, mas do seu estereótipo, tão fortemente arraigado à cultura ocidental.

Será que dá resultado?

A última matéria dessa série propõe-se a apresentar “os métodos inócuos ou não que mais cativam os brasileiros na busca – sem suor – pela longevidade e (quase) eterna juventude”.

Desse modo, ao longo de duas páginas marcadas ainda por um desenho que ilustra a apresentação de uma poção da juventude em praça pública, são destacados



alguns tratamentos que objetivam promover o rejuvenescimento e, mais uma vez, delegam ao sujeito à sua velhice.

São apresentados a Medicina Ortomolecular, o GH, a Melatonina e o DHEA . Esses tratamentos teriam por objetivo “resolver a velhice”, como se ela fosse, assim, não uma fase da vida, mas uma doença, que requer a utilização de medicamentos. Embora destaque as possíveis vantagens provenientes desses tratamentos, *Veja* salienta a importância de esperar por testes mais definitivos, que realmente comprovem a eficácia desses métodos e que, também, apontem os riscos que existem em empregá-los. Mesmo assim, a revista afirma que o leitor “tem todo o direito de tentar tratamentos menos laboriosos que, à maneira das poções antigas, se vendem como capazes de estender a sua vida e devolver-lhe o corpinho e rostinho de 30 e adjacências”, reafirmando a busca pela recuperação da juventude como uma meta que pode e deve ser alcançada.

Conclusão

Ao analisar as cinco reportagens componentes da seção especial “Longevidade e Juventude”, presentes na primeira edição de *Veja* do ano de 2009, observou-se que a velhice, em geral, foi transformada em uma responsabilidade privada (reprivatização) e que a juventude foi apontada como um valor a ser atingido, especialmente, durante a velhice.

Ao longo dos exemplos de famosos, que através de determinados hábito e cirurgias plásticas negam a velhice, delegou-se ao indivíduo o seu processo de envelhecimento, ignorando, nesses casos, a importância de políticas públicas específicas e de condições favoráveis ao envelhecimento saudável, tais como atendimento médico específico e uma resignificação da ideia de velhice, por parte da sociedade em geral.

Na matéria em que foram apresentados idosos que “vivem novas histórias”, da mesma maneira, ignorou-se esses fatores alheios à vontade do idoso e optou-se por mostrar personagens de uma classe social privilegiada e, portanto, com acesso à uma série de benefícios, dos quais a maioria da população é excluída.

Enquanto a questão da juventude, ela foi apontada, como já foi mencionado, não como uma fase do desenvolvimento humano, mas como um valor que pode e deve ser buscado. Nesse sentido, para negar a velhice, os seus sinais aparentes e os seus estereótipos negativos, vale tudo: desde uma alimentação baseada em cinco porções de



frutas e vegetais e uma série de exercícios diários até intervenções cirúrgicas e reposições hormonais.

Esse discurso, contudo, apenas marginaliza ainda mais o idoso que, ou por falta de acesso a esses recursos, ou mesmo pelo fato de não desejar mascarar a velhice, não busca a juventude em cada compra que faz ou em cada medicamento que ingere e, por isso, passa a ser visto como alguém desleixado. Tais percepções, entretanto, tornam-se contraditórias em uma sociedade que está sendo marcada, justamente, por um aumento da população de idosos e por um crescimento do poder aquisitivo desse setor. Negar a velhice, uma condição natural da existência humana, e hipervalorizar a juventude, do mesmo modo uma condição natural, apenas mostra como uma alteração de valores pré-concebidos se faz necessária.

Como afirma Schirrmacher (2005) “talvez seja de interesse de uma sociedade demograficamente jovem roubar a autoconfiança do idoso [...] para a nossa sociedade, as conseqüências são catastróficas”.

Para mudar essa realidade, como novamente afirma Schirrmacher:

é preciso existir um heroísmo de maior grandeza. É necessário que haja novos calendários de longevidade, auto-imagens fortes e a convicção de que envelhecer é mudança, não fatalidade. (SCHIRRMACHER, 2005, p. 51).

Talvez, assim, baseada em uma nova concepção da velhice e fortalecendo a identidade dos idosos, a sociedade possa manter-se forte para enfrentar o seu futuro que, segundo as expectativas, será marcado pela predominância da população mais velha. Faz-se necessária uma mudança de comportamento da população em relação aos mais velhos, uma alteração das formas através das quais esses são representados. Isso, contudo, não depende apenas da mídia, que meramente veicula aquilo que já está presente na sociedade. Depende, principalmente, de cada indivíduo que, talvez hoje veja os idosos com maus olhos por ver estampado em suas rugas o sinal da decrepitude e do fim iminente mas que, caso sobreviva, chegará a essas mesmas condições.

Referências bibliográficas

DEBERT, G.G. A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1999.



ESCOSTEGUY, A.C. D. **Cartografia dos Estudos Culturais: uma versão latinoamericana.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

HALL, S. **Quem precisa da identidade?** In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença.* Petrópolis: Vozes, 2000.

RODRIGUES, N.C. **Gerontologia Social para Leigos.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

SCHIRRMACHER, F. **A Revolução dos idosos: o que muda no mundo com o aumento da população mais velha.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

VENTUROLI, T. MAGALHÃES, N. Longevidade e Juventude. **Veja,** São Paulo: Ed. Abril, n. 1, ano 42, p. 68-87, 7 de jan. 2009.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença.* Petrópolis: Vozes, 2000.